

Paisagem e identidade regional em leituras nativas do Vale do Taquari/RS/Brasil

Kleber Eckert* e Rafael José dos Santos**

Palavras-chave:
Paisagem
Identidade
Vale do Taquari/RS/
Brasil

Resumo: O presente artigo discute a paisagem do Vale do Taquari, RS, Brasil, como uma das marcas de identidade regional. Delimitou-se um corpus denominado de “leituras nativas de região”, constituído por narrativas históricas, narrativa de memórias, crônicas, poesias e lendas, além de material jornalístico e entrevistas com autores e um jornalista. Tratando analiticamente o material, com base na Análise de Conteúdo, chegou-se à categoria ‘paisagem’ como marca diacrítica da identidade regional, fortemente associada ao Rio Taquari, a partir do qual as diferentes narrativas constroem sentidos de regionalidade.

Keywords:
Scenery
Identity
Vale do Taquari/RS/
Brazil

Abstract: The present article discusses the scenery of the Vale do Taquari, RS, Brazil, as one of regional identity marks. A corpus named “regional native readings” were delimited, consisting of historical narratives, telling memories, chronicles, poetry and legends, as well as journalistic material and interviews with authors and a journalist. Managing the material analytically, based on Content Analysis, we reached the category ‘scenery’ as a diacritical mark of regional identity, strongly associated with the Taquari River, from which the different stories build feelings of regionalism.

Recebido em 14 de outubro de 2014. Aprovado em 17 de dezembro de 2014.

Introdução

As presentes reflexões fazem parte de uma pesquisa que teve como proposta estudar como se constrói a representação da regionalidade, tomando como objeto o Vale do Taquari, região situada na parte central do Rio Grande do Sul (ECKERT, 2009)¹.

Para analisar a representação da regionalidade no Vale do Taquari, pesquisou-se obras de escritores locais, que enunciam a história da região. As obras foram consideradas, nesta pesquisa, como “leituras nativas”, de modo análogo ao tratamento que a antropologia dispensa aos discursos e às concepções êmicas dos grupos nos quais se desenvolvem pesquisas etnográficas. Trata-se de narrativas de atores sociais locais, o que já constitui uma interpretação da cultura da região. O que se fez, neste caso, foi uma análise e uma “interpretação de interpretações”, como afirma Pozenato (2003) ou, nos termos de Geertz (1978, p. 25), interpretações “de segunda e terceira mão”, uma vez que “somente um

‘nativo’ faz a interpretação de primeira mão: é a *sua* cultura”.

Em relação à seleção do *corpus*, foi tomado o cuidado para que se tivesse uma variedade de gêneros textuais, com o intuito de evitar uma visão da região do Vale do Taquari a partir de, apenas, um ou dois gêneros. Portanto, entre os textos selecionados quanto ao gênero, destacam-se livros de narrativa histórica, narrativa de memórias, crônicas, poesias e lendas, além de material jornalístico com editoriais, artigos de opinião, reportagens e notas informativas. Subsidiariamente, foram realizadas entrevistas com três autores e um jornalista.

O livro *Nossas Origens*, de Waldemar L. Richter (1994), é um texto de 100 páginas publicado em 1994, que traz, nas palavras do autor “[...] uma coletânea de informações resumidas e de fácil leitura a respeito de nossas origens e de nossa história a partir da imigração”. É preciso citar que essas origens são as germânicas, pois essa informação não se encontra no título. Além disso, o

* Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade (2009) e Doutor em Letras (2014) pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

** Professor do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade e do Doutorado em Letras, ambos da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre em Antropologia Social (1992) e Doutor em Ciências Sociais (2003) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

texto é uma versão bilíngue, vertida para o alemão pelo professor Wolfgang Collischonn.

A *roda: memórias de um professor*, de Friedhold Altmann (1991), apresenta uma narrativa autobiográfica de 196 páginas pela memória da vida pessoal e profissional, desde a origem dos antepassados na Alemanha por volta da primeira metade do século XIX, até 1991, ano da publicação do texto.

Também vinculado à questão da educação, mas não de memórias pessoais como o texto acima, o livro *Lajeado II: Apeuat – raízes do ensino superior* (SCHIERHOLT, 1995), resgata a história do ensino superior no Vale do Taquari, desde os primeiros movimentos na década de 1950 até os primeiros anos de funcionamento dos cursos superiores em Lajeado, em fins da década de 1960 e início dos anos 1970. A publicação desse texto de 119 páginas ocorreu em 1995.

O livro *História do Rio Taquari-Antas*, de Gino Ferri (1991), apresenta, em suas 319 páginas, um resgate histórico da região a partir do Rio Taquari, desde seu nascimento, como Rio das Antas, no município de São José dos Ausentes, até a foz, junto ao Rio Jacuí. Além disso, o autor faz referência ao povoamento das cidades que fazem divisa com o rio, enfocando a importância desse elemento geográfico para o que denomina de Vale do Taquari.

Finalmente, o livro *Vagando pelo Século*, de Erny Stahlschmidt (1994), apresenta uma coletânea de crônicas que trazem à tona informações pitorescas sobre a vida do autor enquanto viveu na região do Vale do Taquari. Entre elas foram selecionadas as seguintes: “O Ensino”, “Fogão a gás”, “Saúde”, “Câmaras Mortuárias” e “Primeiros Automóveis em Lajeado”, através das quais se encontram informações sobre a população e sobre o Vale do Taquari.

As poesias selecionadas foram: “O Taquari”, de Dom Urbano Algayer; “Rio Taquari”, do Pe. Gustavo Locher; “Meu Biênio”, de Nilo Ruschel; “Lendário Rio Taquari” e “Enchente do Rio Taquari”, de Gino Ferri. Em relação às lendas, trabalhamos com as narrativas “Amor Indígena”, de Lauro Néelson Fornari Thomé, e “Lenda do Riacho Encantado”, de Gino Ferri. Esses textos encontram-se compilados no livro *História do Rio Taquari-Antas*, de Gino Ferri (1991).

Os editoriais, artigos de opinião, reportagens e notas informativas foram selecionados no acervo do jornal *O Informativo*, fundado em 8 de maio de 1970, e que se autointitula “O jornal de maior circulação no Vale do Taquari”. A pesquisa incluiu o material publicado entre 8 de maio de 1970 e 12 de dezembro de 1989. Finalmente, para a obtenção material subsidiário, foram realizadas entrevistas com Waldemar L. Richter, autor do livro *Nossas Origens*; José Alfredo Schierholt, autor do texto *Lajeado II: Apeuat – raízes do ensino superior*; Gino Ferri, autor da obra *História do Rio Taquari-Antas*; Oswaldo Carlos van Leeuwen, sócio-fundador e atual Diretor Presidente do *Jornal O Informativo*.

Quanto ao método de trabalho com essas leituras nativas de região, utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2000), que tem pelo menos dois objetivos principais: o primeiro é a superação da incerteza, isto é, validar a leitura de um texto – o que se julga ver na mensagem estará efetivamente contido nela? O segundo é o enriquecimento da leitura: mostrar o que um olhar imediato sobre o texto não é capaz de fazer. Para chegar a essa leitura mais aprofundada dos textos, definiram-se categorias que auxiliaram o pesquisador na análise das relações de regionalidade. Uma dessas categorias, após uma leitura preliminar do *corpus*, foi a de *paisagem*, pois se acredita que ela pode representar uma marca de identidade regional.

A paisagem do Vale do Taquari

A paisagem é um dos elementos recorrentes na construção literária das regiões, associando-se às territorialidades e às fronteiras dos espaços que se transformam em lugares de identidade, caracterizados por relações de regionalidade. Os elementos físicos da geografia, o rio, as montanhas, a vegetação, pertencem ao domínio da natureza, transformando-se em cultura pelas ações do homem sobre elas, sejam estas ações de caráter concreto ou simbólico. Dessa forma, toda paisagem é, por definição, uma paisagem cultural.

Quando se pensa em paisagens do Vale do Taquari, pensa-se em paisagem como um conjunto de elementos característicos de determinado espaço geográfico. No caso da região do Vale do Taquari, o

próprio nome possui essa conotação de paisagem, pois traz o termo “vale” em sua constituição, agregado ao nome do rio que o forma.

O Rio Taquari nasce com o nome de Rio das Antas na região dos Aparados da Serra, especificamente no município de São José dos Ausentes, a uma altitude de mais de 1.100 metros. Ao receber as águas do Rio Carreiro, no município de Dois Lajeados, seu nome muda de Rio das Antas para Taquari. Desde a nascente, o rio percorre em torno de 520 quilômetros, até atingir a foz, lançando suas águas no Rio Jacuí, no município de Triunfo (VILANOVA apud HUPPES, 2002, p. 13).

O texto *História do Rio Taquari-Antas*, de Gino Ferri (1991), conta, na apresentação que abre o livro, com a identificação de uma paisagem: a do lendário Rio Taquari. O autor busca na memória a descrição das águas do rio que são tépidas, límpidas e cristalinas, e suas margens que são românticas paisagens ribeirinhas. Além disso, ocorre uma intensificação da adjetivação em “os poéticos acampamentos para as abundantes pescarias, que iam desde o pequenino lambari ao dourado. Recordo os inesquecíveis passeios, [...] durante longas horas, nos dias estivais” (FERRI, 1991, p. 5).

Essa adjetivação ocorre, pois o autor vê a necessidade de enfatizar os aspectos que relaciona ao rio, salientando, dessa forma, a importância desse elemento geográfico para a sua vida. Logo após afirma “[...] narrar-lhe a aventura ou evidenciar o sentido histórico de grandeza e majestade do rio Taquari” (FERRI, 1991, p. 5). O rio é visto como se fosse uma aventura e, além disso, ocorre a redundância ao caracterizá-lo, pois grande e majestoso, nesse caso, funcionam como sinônimos.

O fascínio pelo rio aparece em “Desde a infância, a visão encantadora do rio Taquari, fascinava-me, pois conhecia-o de perto”, e em “Logo que comecei a estudá-lo com maior profundidade, o rio histórico revelou-se ainda mais maravilhoso, mesmo que suas águas já não estejam tão límpidas e cristalinas como outrora” (FERRI, 1991, p. 5-6).

Semelhante relação entre a infância a as águas também aparece quando Altmann (1991) recorda seu tempo de criança. O autor, sobre um dos afluentes do Rio Taquari, o Arroio Boa Vista, se manifesta: “Sempre me alegrava o passeio pela oportunidade de banhar-me

no córrego de água clara e limpa, naquele tempo livre de qualquer poluição” (ALTMANN, 1991, p. 19).

Ao situar o Rio Taquari em seu texto, Ferri (1991, p. 6) descreve-o assim:

O rio aparece, ora como personagem principal de um enredo, ora como um grandioso cenário paisagístico, ora como expectador, figurante ou musa inspiradora desta epopéia. Surge também como meio de vida para os povoados, vilas e cidades coloridas, que se debruçam às suas margens. [...] Fazendo com tudo isso, reviver sua história, que é um retalho da história do Rio Grande do Sul.

Apesar de o autor buscar na memória lembranças sobre o Rio Taquari, o que seria um relato pessoal ou um livro de memórias, aparece aqui que o texto deve ser também um trabalho de recuperação da história, neste caso, a história do Rio Grande do Sul. Essa dualidade na abordagem do Rio Taquari pode ser percebida nas próprias palavras do autor, pois “Este relato procede das mais diversas fontes de informação, [...] memórias e imagens, [...] sintetizando os fatos mais marcantes, catalogados nas mais diversas origens, inclusive na tradição” (FERRI, 1991, p. 7).

Ainda na apresentação do livro, é feita uma referência ao espaço geográfico que margeia o rio, no caso, o vale por ele formado. Percebe-se novamente o uso de adjetivos que ajudam a intensificar o que o autor pretende dizer:

Este trabalho proporcionou-me mais uma feliz oportunidade de descortinar recantos maravilhosos do Rio Grande do Sul, especialmente na grande região da bacia do Rio Taquari, apreciando e desfrutando de suas várzeas multicolores, os montes e montanhas que emolduram sua passagem, a verdejante mata marginal, [...] seus meandros caprichosos de deslumbrante beleza, [...] e as policulturas que despontam em suas margens de fertilidade exuberante (FERRI, 1991, p. 6).

Não bastasse a descrição acima referida, o elogio à paisagem formada pelo Rio Taquari continua no parágrafo seguinte:

Tudo isso forma um conjunto de rara beleza que empolga o viandante apreciador da natureza, o qual sente-se obrigado a deter-se, para contemplar extasiado, as maravilhosas paisagens. Passa-se por um verdadeiro encantamento, ante os deslumbrantes panoramas que se sucedem a cada instante, sob os mais variados aspectos. (FERRI, 1991, p. 6).

O elogio à paisagem formada pelo Rio Taquari se evidencia também em “as empolgantes belezas naturais de toda a bacia do Rio Taquari manifestam-se a cada passo” (FERRI, 1991, p. 34). Nota-se que, para o autor, não basta afirmar que as belezas naturais manifestam-se a cada passo, pois ele ainda as adjetiva de “empolgantes” para dar mais força ao seu texto.

Ao referir-se ao tempo de existência do Rio Taquari, ao autor não lhe é suficiente simplesmente afirmar a existência de setenta milhões de anos. Nessa afirmação há o ornamento com adjetivos e advérbios, conforme descrição que segue:

Enquanto os milênios vão tangendo os milênios, que passam pela estrada longa da eternidade, o Rio Taquari continua em sua trajetória, serpenteando entre as montanhas alterosas e suas várzeas multicores, mas já sem aquele espírito aventureiro e desbravador de antanho, quando formou seu curso, sulcando profundamente seu leito, ao longo de sua lendária existência de setenta milhões de anos. (FERRI, 1991, p. 42).

O vale formado pelo rio é descrito como um dos “mais ricos do Estado, em húmus e fertilidade, estando incluído, de acordo com estudos técnicos, entre os mais férteis do mundo” (FERRI, 1991, p. 56). O autor só não informa a fonte de quais estudos técnicos teriam demonstrado essa fertilidade, o que pode ser apenas uma representação social que a população possui do vale onde reside.

Na sequência, novamente Ferri (1991) se baseia em estudos estatísticos para fundamentar sua argumentação, no entanto, não informa a fonte de tais dados, o que gera dúvidas sobre as informações apresentadas:

Segundo dados estatísticos, publicados por um periódico norte-americano, seria considerado como o terceiro vale mais fértil do mundo, sendo sobrepujado apenas pelos vales do rio Danúbio, na Europa, em primeiro lugar, e, em segundo, pelo vale do rio Mississipi, nos Estados Unidos. (FERRI, 1991, p. 56).

Essas referências à fertilidade do vale formado pelo Rio Taquari podem ser interpretadas à luz do que Moscovici (2003) afirma sobre as representações sociais: criamos representações de uma nação ou de uma região (no caso, uma representação da fertilidade da região do Vale do Taquari) e estas representações se tornam objeto

de uma convenção entre os que adotam e partilham a mesma convenção. Em outras palavras, a população do Vale do Taquari crê, efetivamente, na fertilidade do seu vale, embora os estudos que a comprovem não sejam citados.

No prefácio do livro, escrito pelo Engenheiro Agrônomo Paulo Steiner, então prefeito da cidade de Arroio do Meio e Presidente da Associação dos Municípios do Vale do Taquari (AMVAT), o Rio Taquari é nomeado de “o nosso Rio Taquari”, como se fosse uma propriedade da região. Na sequência, o prefaciador afirma que o autor faz uma “reflexão sobre o rio Taquari e seu vale”, o que evidencia uma leitura não isolada do rio, e sim com o espaço geográfico que o acompanha.

Ainda sobre a paisagem formada pelo Rio Taquari, no prefácio tem-se a denominação de “importante bacia geográfica do Rio Grande do Sul” e “um patrimônio da humanidade”, o que traz novamente à tona um tom de discurso laudatório sobre o rio. Ao final do prefácio aparece: “Se o nosso rio pudesse falar talvez nos dissesse: fiz parte e continuo fazendo parte da família e da grande comunidade regional. Use-me, sem abusar”.

O que se percebe nesse epílogo do prefácio é uma humanização do rio, isto é, o uso da figura de linguagem chamada prosopopeia ou personificação. Além disso, através dessa personificação, o rio passa a ser considerado membro da comunidade regional, como qualquer um dos seus habitantes, simultaneamente paisagem e personagem.

“A fecundidade do vale é uma dádiva do Rio Taquari”, de José Alfredo Schierholt, é a epígrafe que abre o livro de Gino Ferri. O que se percebe nitidamente nesta proposição é uma atualização do dizer de Heródoto: “O Egito é um presente do Rio Nilo”. Ao usar essas duas frases feitas como epígrafe, nota-se que, para o autor, o Rio Taquari possui a mesma importância para seu vale quanto o Rio Nilo para o Egito.

Isso pode ser comprovado com uma afirmação direta do autor: “Assim como o Nilo, o rio Taquari é um presente para todos os municípios localizados às suas margens” (FERRI, 1991, p. 16). Em outra passagem, Ferri (1991, p. 56) traz novamente a comparação com o Rio Nilo: “É amplamente divulgada a fertilidade do vale do rio Taquari, lembrando em muitos aspectos, a extraordinária

fecundidade do rio Nilo, na África, reconhecida a (*sic*) milênios, como uma das mais férteis do mundo”.

O autor reforça a importância do rio para a região através do uso do adjetivo “grande”, embora o conceito de grande ou pequeno seja relativo: “A importância do Rio Taquari para toda a região de sua grande bacia, continua sendo vital” (FERRI, 1991, p. 155). Essa importância também é referida em reportagem publicada no jornal *O Informativo*, em 11 de fevereiro de 1983, pois “O rio Taquari, para as colônias situadas às margens, é fundamental como meio de comunicação” (FERRI, 1991, p. 4).

A importância do Rio Taquari também pode ser percebida em reportagem publicada no jornal *O Informativo*, na data de 22 de fevereiro de 1983. Nesse texto, faz-se referência à navegação e ao consequente desenvolvimento das colônias situadas às margens do rio.

O rio Taquari, em condições de navegabilidade e mantendo um fluxo constante nas comunicações com a capital, proporcionou um rápido desenvolvimento das novas colônias situadas às suas margens. A agricultura e o comércio colonial tiveram amplas possibilidades de se desenvolverem desde o princípio da colonização, na área do Alto Taquari. A qualidade da terra próxima ao rio, própria para a agricultura colonial, irá ser um fator importante, juntamente com o rio, na criação dessas novas colônias. (Jornal *O Informativo*, 22/02/1983).

A relação entre o Rio Taquari e a região é citada nas quatro entrevistas realizadas para esta pesquisa. Ferri afirma que o desenvolvimento do Vale do Taquari deve-se ao rio, em função da navegação. O entrevistado afirma que a navegação foi o ponto principal e “fundamental para o desenvolvimento de todos os municípios do vale” (FERRI, p. 2). Já Schierholt (1995, p. 1) vai além, transforma o rio em elemento que identifica a região, pois a Instituição de Ensino Superior da região teria que ser construída exatamente no meio do Rio Taquari, “para que não ficasse caracterizado nada do lado, na margem direita, nem na margem esquerda, e sim, numa unidade física só”.

Leeuwen (2008, p. 1) informa que a região é bem servida por água em todas as partes e, principalmente, pelo Rio Taquari: “[...] um lindo rio, que se não fosse tão poluído seria um atrativo incrível”. Richter (1994, p. 2) enfatiza a importância do rio para a região, pois

ele é “o elo de ligação, corta toda essa região de cento e poucos quilômetros de extensão, onde temos as múltiplas culturas e aquele povo trabalhador”.

A afirmação de Richter pode ser interpretada a partir do que Certeau (1994) discute entre lugar e espaço, pois este pensa no espaço como se fosse um lugar praticado. Essa relação, na afirmação de Richter, pode ser vista da seguinte maneira: o Rio Taquari e seu vale são um lugar, que se transforma em espaço a partir da ocupação pelo ser humano, no caso ainda adjetivado de trabalhador. Santos (2009, p. 14) reflete sobre a produção das regiões e das regionalidades a partir das contribuições de Michel de Certeau: “Uma região definida em termos culturais equivaleria, portanto, a um espaço, se a compreendermos como construída por um conjunto de práticas, de ações e relações sociais.”. Ainda seguindo as pistas de Certeau, Santos (2009) recorre à ideia de “relatos de regionalidade” para caracterizar as narrativas como modalidades de práticas instituintes da representação de região, o que nos parece ser adequado para refletir sobre o papel das “leituras nativas” aqui estudadas.

Ao tratar do município de Estrela, Ferri (1991, p. 121) afirma que “Estrela possuía um dos mais belos cais do Rio Taquari, inaugurado a 15 de outubro de 1924”. O que se pode depreender da informação é que o fato de o cais ser um dos mais belos é uma visão particular do autor, uma vez que o conceito de belo muda de pessoa para pessoa. Além disso, afirma que a cidade é cognominada de “Princesa do Alto Taquari”, sem dar conta da explicação dessa nomeação. Já a cidade de Lajeado, por sua vez, é nomeada de “Capital do Alto Taquari”. Não há explicação para esse título no livro que ora é objeto de análise. No entanto, o nome talvez tenha sido dado porque Lajeado é o município mais desenvolvido economicamente e o mais populoso da região². Altmann (1991, p. 150) reforça essa ideia, pois afirma que Lajeado é o “centro econômico da vasta região do Alto Taquari”. Pode-se encontrar uma explicação para o destaque de Lajeado como capital da região no texto de Schierholdt (1995, p. 48), pois além de ser a cidade economicamente mais desenvolvida e com maior população “a cidade de Lajeado estava recebendo um novo perfil, um novo status no Vale do Taquari”, porque foi nessa cidade que iniciou o ensino superior em 1969.

Para falar da paisagem formada pelo Rio Taquari e seu vale, Altmann (1991, p. 16) apresenta o discurso de um pastor luterano alemão que convenciona os antepassados do autor a emigrar: “Teutônia era a verdadeira Terra Prometida. A terra era fértil, barata, o clima era saudável e ameno. A riqueza animal e vegetal era grande”. É o discurso, no século XIX, na Alemanha, sobre um dos lugares que compunham a atual região do Vale do Taquari. Em outra passagem, Altmann (1991, p. 19) estabelece uma relação direta entre qualidade de vida e a paisagem do Vale do Taquari:

A terra de meu pai media 48 ha, metade ocupada por mata virgem, a outra metade dividida entre potreiro e roça. Ali eu tinha muito espaço. Vivia cercado de árvores, gramados, junto a animais e tendo quantidade de frutas para comer. O ambiente era saudável e a família vivia em simplicidade e harmonia.

Na ocasião em que o professor Altmann (1991) acompanhou um sociólogo húngaro em visita ao Vale do Taquari, em uma das localidades, ocorre a seguinte descrição:

Lá estava a paisagem estendida como um tapete. À beira da estrada encontravam-se os poteiros, seguidos pelas casas e demais construções cercadas por pomares. Depois vinham as roças e no fim a reserva de mata virgem. As cinco torres de igreja que se viam, eram símbolo da religiosidade do povo. As escolas, semeadas na paisagem, documentavam o nível cultural, e o hospital era a prova da importância que se dava à saúde. Considerando tamanho e qualidade das casas, beleza do gado a pastar, limpeza e cuidado dos poteiros e das roças, logo se podia concluir que aí não havia fome nem maiores problemas de ordem social. Igrejas, escolas, hospital tinham sido construídos e eram mantidos pela própria população e sem auxílio por parte do governo. Veja, professor, disse meu companheiro, o que o Brasil quer mais? Aqui está a prova e um exemplo vivo e prático para a solução dos problemas sociais e econômicos também. (ALTMANN, 1991, p. 132).

O que se percebe na descrição da paisagem, é que o autor do livro aproveita a fala de um estrangeiro para afirmar o que pensa sobre a região do Vale do Taquari. Portanto, na citação acima ocorrem, imbricados, dois discursos sobre as características da região: o primeiro do sociólogo húngaro, e o segundo do professor Altmann que se apropria do discurso do primeiro para ratificar o que pensa sobre a região.

Os elogios à paisagem do Vale do Taquari são citados na entrevista feita a Gino Ferri, quando ele afirma que “os lugares são maravilhosos. Tem lugares ali que deixam a gente de boca aberta. [...] E paisagens maravilhosas do Rio Taquari, lamentavelmente estão sendo devastadas”. Também o entrevistado Oswaldo Carlos van Leeuwen diz que “Nós temos esses morros maravilhosos, que tem aí, nós temos vários lugares com partes planas, nós temos um rio, nós temos bastante mata ainda [...]”.

De maneira semelhante, Waldemar L. Richter acredita que o Vale do Taquari é uma região fantástica, por causa das suas belezas naturais: “[...] toda a região é muito bonita, [...] onde nós temos os arroios, onde temos água limpa, temos as várzeas com belas plantações, as encostas com o verde, nós temos cidades bonitas onde é valorizada a nossa cultura [...]”. Richter, no entanto, não se limita aos elementos naturais, ele também enfatiza os elementos nos quais o homem já interveio, como a agricultura e as cidades.

É exatamente dessa forma que Bezzi (2004) vê materializar o conceito de região: o encontro do homem com o meio ambiente, ou da cultura com a natureza. Assim, “[...] a região é a materialidade dessa inter-relação e é também a forma localizada das diferentes maneiras pelas quais essa inter-relação se realiza” (BEZZI, 2004, p. 76).

Ferri (1991, p. 291), ao fazer referência às poesias, contos e lendas que o Rio Taquari inspirou, afirma que “O Rio Taquari, assim como todos os grandes rios do mundo, também tem sua história, suas lendas, suas superstições e estórias, [...] que chegaram até o presente, enriquecendo as belas tradições do rio”. Embora o rio não seja nem um dos maiores do Rio Grande do Sul, ele é colocado ao lado dos grandes rios do mundo. E se as tradições do rio são belas, nesse caso, é só mais uma visão do autor. Em seguida, o rio é referido como ligado às tradições regionais: “Intimamente vinculado, como sempre foi, às tradições regionais, o Rio Taquari não podia ficar alheio aos poetas e prosadores” (FERRI, 1991, p. 291). É ligado às tradições regionais até porque a região é nomeada política, geográfica e culturalmente de “Região do Vale do Taquari”.

Entre essas poesias, o texto “O Taquari”, de Dom Urbano Algayer, personifica o rio, pois “Nosso rio Taquari [...] límpido sorri” e “Ainda os teus gemidos, soam-me

aos ouvidos ó meu rio Taquari”. Nessa personificação, primeiro o rio é chamado de nosso, o que sugere um sujeito-lírico que representa a população que convive ou depende dele. Depois, o rio é chamado de meu, pois na última estrofe do poema encontra-se o sujeito-lírico que parte e leva o rio na lembrança.

Na primeira estrofe³ há a atribuição de características positivas e intensas ao rio, como célebre, imenso, puro, cristalino e límpido, o que se evidencia também na última⁴, pois o rio é formoso, do qual o sujeito-lírico sentirá saudades.

A poesia “Rio Taquari”, do Pe. Gustavo Locher, apresenta também atribuição de características positivas ao rio. O sujeito-lírico se dirige ao Rio Taquari, como se com ele estivesse falando: “Que eu te saúde, ó Taquari, / Filho mais lindo da mata virgem”. Na sequência, o rio é nomeado de grandioso, formoso, imponente, eternamente jovem e com força impetuosa, além de ser um lugar inesquecível e o “melhor local para repousar a mente”.

Quando o sujeito-lírico está imerso em sentimentos negativos, o rio é a ajuda de que ele precisa, pois “desprezando-me da terra, / Da tristeza, prazer e aflição, / Mergulho nas tuas profundezas, / Refresco então, meu coração”. Além disso, quando o sujeito-lírico está às margens do rio, sente a presença de Deus: “Quando nas tuas margens parado estou, / Sinto o sopro do Criador”.

Também imerso em sentimentos negativos em função de esgotamento psicológico, Altmann (1991, p. 137) apresenta a paisagem do Vale do Taquari e as pessoas como o remédio de que ele precisa para se recuperar, pois decide viajar pela região com um amigo:

Iria viajar com ele. Arno imediatamente aceitou minha companhia e fomos visitar os comerciantes do interior da região. [...] Olhavam-se as paisagens, conversava-se com as comerciantes do interior e também com os colonos [...]. A calma e a paciência do amigo, bem como o contato com a natureza e outras pessoas, afastaram-me dos problemas da escola e tiveram efeito milagroso.

Imbuído de descrição positiva, o Rio Taquari e seu vale aparecem na poesia “O Lendário Rio Taquari”, de Gino Ferri. Na primeira estrofe, quando o sujeito-lírico faz referência ao nascimento do rio, ele já é chamado de “majestoso” e os cenários por ele formados

são empolgantes e de “maravilhosa beleza sem par”. Na terceira⁵ estrofe há uma simbiose entre o rio e as plantas que acompanham suas margens, pois as plantas o embelezam e ele oferece nutrientes e água pura para elas.

Graças ao rio, os lugares por onde ele passa ficam melhores e mais bonitos. É o que aparece na quarta estrofe, quando o rio fecunda as várzeas e é motivo para a arte de pintores, pois “Fecunda as várzeas multicolores / E suas encantadoras paisagens / São dignas dos matizes dos pintores. / Lindas praias, belíssimos remansos, / Belas ilhas, cobertas de ramagens”.

Na sequência, ao rio é dado um “porte majestoso” e as águas servem para o banho, pois são límpidas e as margens são belas. Acompanhando as margens, aparecem as árvores, residências de pássaros, e tudo isso forma um conjunto de “tamanho beleza”. Além desses elementos naturais, há as pontes construídas sobre o leito do rio, cuja imponência embeleza “as paisagens sem igual”.

Além das pontes, outra marca de progresso na poesia é o surgimento das cidades ao longo das margens do rio, que é “Como artéria, que faz circular, / A riqueza provinda da terra fértil, / Que margeia seu belo vale milenar”. Apesar disso, com o crescimento dessas cidades o sujeito-lírico manifesta uma preocupação, pois “Suas águas tépidas e sussurrantes, / Outrora tão cristalinas e límpidas, / Estão sendo poluídas sem parar, / Fazendo desaparecer toda a beleza; / As cidades e vilas a que deu vida, / Hoje, o estão querendo matar”.

O epílogo da poesia traz de volta a visão positiva do rio e um espírito de preservação: “Aqui deixamos nosso brado de alerta, / [...] Combatamos a toda hora, a poluição. / Façamos novamente o rio Taquari azul / E volte a ser [...] / As mais encantadoras paisagens do Sul”.

A preocupação em preservar a paisagem do Vale do Taquari também é citada em notícia do jornal *O Informativo* no dia 15 de outubro de 1981: “Os morros da Região estão sendo desmatados sem nenhuma orientação, queimados e abandonados dois ou três anos depois, provocando, assim, a perda pela erosão, de toda a camada fértil que corre para os rios poluindo suas águas” (p. 6).

Numa visão totalmente oposta à apresentada nas poesias anteriores, Gino Ferri retrata negativamente o rio, na poesia “Enchente do Rio Taquari”. Nesse texto,

o rio é visto como um ladrão que “Saltando os muros [...] / Invade as casas, palhoças e barracos, / Tirando o sossego das gentes, / Roubando, do menino, o minguido pão”.

As águas que rolam pelo rio não são mais límpidas, cristalinas e de incomparável beleza, e o sol, durante o período da enchente, não mais deixa a paisagem com matizes para o pintor, pois “Amanhece um novo dia, cinzento e fatal, / Negras nuvens encobrem o sol matinal, / Indeciso, não tem forças para brilhar”. As águas não trazem mais a riqueza da terra fértil, elas deixam a paisagem com “aspecto desolador, [...] / Em sua trágica passagem, / Um manto de tristezas e de dor”.

Pode-se dizer que o Rio Taquari é um elemento da paisagem importante para os escritores da região do Vale do Taquari. Por um lado ele é motivo de exaltação, por causa das suas características positivas, mas, por outro, em relação às enchentes, passa a ser motivo de tristeza e dor, conforme pôde ser percebido no levantamento realizado nas leituras nativas de região.

Considerações finais

Em relação à paisagem, a partir dos textos analisados, pode-se dizer que ocorre um recorrente elogio ao Rio Taquari e seu vale. Essa visão positiva é percebida por meio do uso de adjetivos e das comparações do vale do Rio Taquari a outros vales reconhecidamente famosos por sua fertilidade, como o vale do Mississipi, nos Estados Unidos, e o do Rio Nilo, no Egito. O Rio Taquari também é visto como um elemento que foi e é fundamental para o desenvolvimento da região, que por meio dele os colonizadores ocuparam as terras às margens, onde atualmente estão as maiores cidade do Vale do Taquari.

Também as belezas da região são ressaltadas por sua paisagem, pois o rio é maravilhoso e os lugares por onde ele passa ficam mais bonitos. Ademais, chamam a atenção as belezas dos morros ocupados ainda por florestas e as planícies com as plantações. São os elementos naturais e a beleza deles que permite que se tenha, segundo os textos analisados, qualidade de vida e, inclusive, forças para se libertar de sentimentos negativos.

Apenas não há uma visão positiva da paisagem quando se trata do desmatamento, da ocupação desordenada das margens do rio e da consequente poluição das águas. Igualmente quando ocorrem as enchentes, o rio é visto negativamente, pois as águas causam a destruição por onde passam.

Ainda em relação ao Rio Taquari, pode-se afirmar que ele é um elemento natural importante para os escritores desta região. Isso leva à conclusão de que ele não é apenas um elemento da paisagem, ele se transforma em elemento simbólico que identifica uma região. Essa ideia fica mais clara se retomarmos o que Schierholt afirma em sua entrevista: a instituição de ensino superior da região do Vale do Taquari deveria ter sido construída exatamente no meio do Rio Taquari, pois ela é uma instituição regional. Logo, a paisagem é um elemento importante na construção da identidade da região do Vale do Taquari.

Notas

1 A região compreende uma área de 4.867,0 Km² (1,73% da área do Estado do Rio Grande do Sul) com 320.788 habitantes (2,95% do Estado). A região situa-se às margens do Rio Taquari e afluentes e se estende entre os municípios de Arvorezinha (ao norte) e Taquari (ao sul) e entre os municípios de Sério e Progresso (a oeste) e Poço das Antas e Paverama (a leste). Cf. Perfil Socioeconômico do Vale do Taquari, publicado pelo Banco de Dados Regional do Centro Universitário UNIVATES. Disponível em: <www.univates.br/bdr>. Acesso em: 9 nov. 2007.

2 Lajeado possui 67.145 habitantes, enquanto os outros 36 municípios possuem juntos 253.633 habitantes. Fonte: Perfil Socioeconômico do Vale do Taquari, publicado pelo Banco de Dados Regional do Centro Universitário UNIVATES. Disponível em: <www.univates.br/bdr>. Acesso em: 9 Nov. 2007.

3 Célebre desliza / Por vistosas veigas, / Entre Flores meigas, / Nosso rio Taquari. / Seu caudal imenso, / Puro e cristalino, / Ao sol matutino / Límpido sorri.

4 Quando ao longe parto / Taquari formoso, / De ânimo saudoso / Lembro-me de ti, / E a distância extrema, / Ainda os teus gemidos, / Soam-me aos ouvidos / Ó meu rio Taquari.

5 Serpenteando entre as montanhas, / Que emolduram a sua passagem, / Desliza em leito de rocha escura, / Embelezado pela espessa ramagem, / Trazendo em suas entranhas / Húmus nutriente e seiva pura.

Referências

ALTMANN, Friedhold. **A Roda**: memórias de um professor. São Leopoldo: Sinodal, 1991.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2000.

BEZZI, M. L. Região: Desafios e Embates Contemporâneos. In: SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. (Org.). **Desigualdades Regionais**-Série Estudos e Pesquisas. 1 ed. Salvador/BA: Bigraf, 2004, v. 1, p. 39-87.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. v. 1 (artes de fazer) Trad. de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

ECKERT, Kleber. **Leituras nativas de região**: as relações de regionalidade no Vale do Taquari, RS. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul (Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade), Caxias do Sul, 2009.

FERRI, Gino. **História do Rio Taquari-Antas**. Encantado: Grafen, 1991.

_____. Entrevista concedida em 03 de dezembro de 2008. 03 p.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HUPPES, Ivete (Org.). **O Vale do Taquari**: sinais de uma identidade. Lajeado: Univates, 2002.

Jornal **O Informativo**. Edições de 08 de maio de 1970 a 12 de dezembro de 1989. Lajeado-RS.

LEEUWEN, Oswaldo Carlos van. **Entrevista** concedida em 09 de dezembro de 2008. 03 p.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

Perfil Socioeconômico do Vale do Taquari, publicado pelo Banco de Dados Regional do Centro Universitário UNIVATES. Disponível em www.univates.br/bdr. Acesso em 09 de novembro de 2007.

POZENATO, José Clemente. **Processos Culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2003.

RICHTER, Waldemar L. **Nossas Origens**. Lajeado: W.L. Richter, 1994.

_____. Entrevista concedida em 05 de dezembro de 2008. 03 p.

SANTOS, Rafael José dos. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. **ANTARES – Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, n. 2, p. 2-25, Jul./Dez./2009.

SHIERHOLT, José Alfredo. **Lajeado I**: Povoamento – Colonização – História Política. Lajeado: Prefeitura Municipal, 1992.

_____. **Lajeado II**: APEUAT – raízes do ensino superior. Lajeado: J.A. Shierholt, 1995.

_____. Entrevista concedida em 02 de dezembro de 2008. 05 p.

STAHLSCHMIDT, Erny. **Vagando pelo Século**. Porto Alegre: Metrópole, 1994.